**Instituto Superior de Economia e Gestão – Universidade de Lisboa**

**Mestrado em Contabilidade, Fiscalidade e Finanças Empresariais – CFFE**

**Ética**

**Sumário-Guião: 10 de Outubro – Teoria das Virtudes**

1 – As virtudes (e os vícios) aplicam-se primacialmente ao carácter dos agentes morais e menos às acções realizadas ou às suas motivações. A virtude é um termo com uma importante história e significados diferenciados ao longo dos anos e em diferentes sociedades.

v**irtù** is a concept theorized by Niccolò Machiavelli, centered on the martial spirit and ability of a population or leader,but also encompassing a broader collection of traits necessary for maintenance of the state and "the achievement of great things." *Virtu* is derived from the Latin *virtus*. It describes the qualities desirable for a man, which might not be the same as virtue conventionally defined. Aristotle had early raised the question "whether we ought to regard the virtue of a good man and that of a sound citizen as the same virtue";Thomas Aquinas had continued to stress that sometimes "someone is a *good citizen* who has not the quality...[of] a *good man*".Virtu, as opposed to the Christian virtues, includes pride, bravery, civic humanism, strength and an amount of ruthlessness.

A virtude é uma característica positiva, ainda que diferentes virtudes tenham sido valorizadas de forma diferenciada em sociedades ao longo da história. A ética da virtude é moralmente relativista e não cognitiva. Tem uma propriedade de produção do bem. Torna um indivíduo bom, enquanto humano. Como somos, por natureza, seres sociais e racionais, as virtudes ajudam-nos a cumprir a nossa natureza humana. As virtudes contribuem para o atingimento de uma vida boa ou **eudaimonia**.

Virtudes na Grécia de Homero: força física, coragem, astúcia, amizade.

Virtudes na Grécia Clássica: coragem, amizade, justiça, temperança (auto-controlo), sabedoria.

Virtudes cristãs: Santo Ambrósio (340-397) definiu as seguintes virtudes gregas como virtudes cardinais: coragem, justiça, temperança, sabedoria e acrescentou três outras, retiradas de São Paulo e definidas como virtudes teológicas: fé, esperança, amor (caridade). As sete formam o contraponto dos pecados mortais: gula, avareza, luxúria, ira, inveja, preguiça, orgulho (vaidade).

Virtudes vitorianas: temperança, modéstia, piedade, obediência, conformidade.

Virtudes ocidentais contemporâneas: tolerância, generosidade, paciência, lealdade.

A bondade da vontade racional. Diz respeito à razão e à escolha racional. Não é uma mera inclinação pré-reflexiva para agir bem. A virtude é algo mais do que é feito por crianças bem comportadas. É um suplemento que corrige os seres humanos quando confrontados com tentações naturais, deficiências ou fragilidades motivacionais ou ainda tendências para o vício. A justiça é uma forma correctiva quando desejamos manter recompensas que não merecemos ou distribuir punições de uma forma que os outros não merecem. A coragem é correctiva quando existe uma tendência para sermos dominados pelo medo. A caridade é correctiva quando tendemos a ser egoístas ou inatentos aos outros. Estas considerações sugerem que o conhecimento das virtudes depende do conhecimento do que constitui a natureza humana.

Being virtuous doesn’t simply mean “prone to act in good ways”

Being honest does not only mean “tends to tell the truth”

2 - Cinco Componentes habituais das virtudes: Hábitos, Atenção ás razões, emoções atitudes, inclinação natural para agir e phronesis.

3 – Os Hábitos – Consistência e confiabilidade. As virtudes são o produto de um desenvolvimento, não sendo adquiridas de imediato. As virtudes estão fortemente incrustadas.

4 – O uso das razões – a virtude envolve ver certas considerações como razões práticas e motivações para agir sobre elas. Ver a humanidade nos outros é uma razão para não lhes causar dano ou mentir. Ver a vulnerabilidade do outro é uma razão para o ajudar e não se aproveitar dele. Ver o valor da verdade como razão para ser honesto nos negócios.

5 – Ligação a emoções e atitudes – Sentimo-nos felizes pelo desempenho de actos virtuosos. Somos atraídos por pessoas virtuosas e repelidos ou entristecidos por comportamentos viciosos, especialmente se oriundos de familiares e amigos. Os desejos subjectivos para fazer o certo ou o justo tendem a tornar alguém mais virtuoso.

6 – Inclinação natural para agir bem – as acções virtuosas surgem naturalmente. Não há necessidade de lutar contra desejos contrários. São acções que correspondem a expressões espontâneas dos desejos mais profundos do agente.

7 – **Phronesis** ou Sabedoria Prática – A capacidade de raciocinar de forma correcta e de produzir escolhas inteligentes e avisadas. Requer conhecimento e experiência de vida. Resolve conflitos entre virtudes ou regras morais. Age como suplemento à virtude natural e aperfeiçoa a sua componente espontânea.

8 – Qual a natureza da teoria? – Diferencia-se do utilitarismo e do kantismo porque não oferece um guia para a acção/decisão moral, mas uma descrição do que constitui a vida moral.

Utilitarianism and Kantianism ask “How should I act?” – Virtue Theory asks “How should I live my life?”, and “What kind of person should I be?”

A teoria reflecte sobre a pessoa na sua integralidade e não apenas sobre os seus actos. A teoria sugere que somos julgados pelo nosso carácter e não por actos específicos. Um indivíduo que tenha desenvolvido bons traços de carácter (virtudes) deve ser considerado uma pessoa moralmente boa. O inverso sucederá com quem desenvolveu maus traços de carácter (vícios). A maior parte de nós tem uma mistura de virtudes e vícios.

9 – Origens da reflexão – Em Platão, ser virtuoso é a realização do bem maior dos humanos e corresponde ao cultivo certo da alma. Há uma felicidade a ganhar que resulta da perseguição da virtude. A temperança, a coragem, a sabedoria e a justiça (virtudes cardinais) são centrais. Estas virtudes articulam-se e trabalham em conjunto. Não é suficiente o dirigir-se por uma. Quando existe equilíbrio entre estas virtudes é-se uma boa pessoa.

10 – Aristóteles – Filósofo nuclear para a teoria da virtude – o fim último da actividade humana é a eudaimonia (florescimento humano). Discute os traços de carácter de uma pessoa que pode atingir a eudaimonia. As virtudes que moldam o carácter humano e por consequência os seus actos são centradas no agente moral. **Aretê** – excelência do carácter da pessoa. O homem moral é um homem de virtude. A virtude não é o oposto do vício porque ela é uma média entre dois extremos – um meio caminho. A coragem é a média entre a cobardia e o bravado de um louco. Encontrar esta via intermédia é a chave para conduzir uma vida moral. A virtude reside na média dourada, o que envolve o encontro do equilíbrio entre dois extremos. Esta é a melhor forma de viver em sociedade (polis) porque os extremos de carácter (deficiência e excesso) são perniciosos e correspondem a vícios. A média não é sempre a mesma e depende das circunstâncias. É necessário aplicar a phronesis (sabedoria prática para decidir sobre o curso correcto de acção). A phronesis adquire-se com a maturidade e à medida que nos afastamos das regras e exigências das figuras de autoridade e desenvolvemos uma moralidade mais autónoma e centrada em virtudes morais. Para Aristóteles existem várias virtudes – as virtudes intelectuais são desenvolvidas pela formação e educação. Tornar-se virtuoso é como aprender a tocar um instrumento musical – há necessidade de ensino e de prática. As virtudes morais dependem do hábito – o hábito de ser generoso supera o dizer-se que se deve ser generoso. Todas as pessoas têm o potencial para desenvolver virtudes morais e intelectuais, mas apenas alguns são capazes de o fazer. Dependem de factores sociais – como se foi criado e onde se vive. A eudaimonia é atingida quando alguém usa bem a sua razão. A razão é a virtude humana suprema. A razão é prática e envolve quer a compreensão quer a resposta. Tornamo-nos virtuosos ao praticar a virtude. Somos pacientes praticando a paciência e somos corajosos através da prática de actos corajosos. A vida virtuosa é uma vida feliz. Agir de acordo com a virtude é causa de bem-estar. As virtudes implicam a criação de padrões de acção, ou seja, regularidades. Praticar uma boa (má) acção produz um padrão comportamental que conduz a efeitos de escalada que se tornam melhores (piores) do que o original – efeitos de slippery slope ou de spillover.

11 – A virtude pode resultar de role models e de seguir exemplos fixados por pessoas tidas por virtuosas? A virtude não é a perfeição.

“[We] both are and are not inclined to think that the harder a man finds it to act virtuously the more virtue he shows if he does act well. For on the one hand great virtue is needed where it is particularly hard to act virtuously; yet on the other it could be argued that difficulty in acting virtuously shows that the agent is imperfect in virtue.”

 Philippa Foot, “Virtues and Vices”

12 – Pontos fortes – Evita o uso de fórmulas de cálculo e complicações de ponderações. Foca-se na ideia de que tipo de pessoa devo ser. Distingue entre pessoas que são boas e pessoas que meramente seguem a lei. Motiva as pessoas para serem boas. Sublinha a importância da educação e do que pode ser ensinado e aprendido. A moral é um processo desenvolvimentista. Envolve toda a nossa vida. Mesmo as actividades mais mundanas dão-nos a possibilidade de praticar as virtudes. Todos os aspectos da nossa vida estão presentes. Ênfase no prazer e na emoção – é bom que apreciemos agir virtuosamente. Uma andorinha não faz a Primavera. Encoraja cada um de nós a ser sempre mais virtuoso, sem necessidade de uma teoria que decida por nós. Sublinha o carácter – parece ser melhor ajudar alguém por genuína compaixão do que por cumprimento de um dever.

13 – Pontos fracos – A ética das virtudes parece elogiar algumas virtudes que poderemos considerar imorais, tais como a coragem de um soldado que participa de uma Guerra injusta. O facto de se ter um comportamento corajoso em face do perigo não transforma a morte do inimigo num acto moralmente bom. As virtudes não nos dão respostas concretas, tornando difícil a sua aplicação a casos concretos: eutanásia, aborto, células estaminais. Robert Louden considera que a ética das virtudes não ajuda as pessoas que se confrontam com crises porque não formula nenhum conjunto claro de regras para acção. Louden também considera que é difícil decider quem é virtuoso, na medida em que actos que externamente parecem virtuosos podem não resultar de bons motivos. Não oferece soluções para dilemas morais específicos. Nem todos têm as mesmas hipóteses de desenvolvimento moral – deverão ser julgados da mesma forma? Muitas pessoas virtuosas vivem vidas miseráveis e inversamente muitos não virtuosos têm vidas felizes. Como eleger as melhores virtudes em contextos de relativismo moral? Algumas pessoas não virtuosas parecem ser úteis em sociedade. As virtudes são difíceis de compatibilizar com direitos e obrigações. Quais as virtudes que devem ser cultivadas? A média dourada de Aristóteles pode não se aplicar a todas as virtudes – pode a compaixão extrema tornar-se num vício? Como se pode estabelecer a media? O que acontece quando as virtudes entram em conflito entre si e é necessária a presença de regras. Como a ênfase é colocada em ser e não em agir, pode ser vista como uma teoria egoísta, ou seja, há mais preocupação com a ideia de desenvolvimento pessoal do que com os efeitos dos nossos comportamentos sobre os outros. A teoria reflecte as preocupações de um filósofo que vive numa sociedade de desigualdade radical e que gozava de fortuna considerável. Possibilidade de se estar perante valores machistas ou chauvinistas como honorabilidade e coragem. A humildade e a empatia não são citadas.